Um ensaio sobre a corporeidade

Paulo Gaiger*

Resumo

Este ensaio descreve diversos aspectos que impedem e outros que contribuem para a conquista de uma nova compreensão do corpo. Aponta a visão dualista, a imutabilidade de valores e condutas, a alienação e a domesticação corporais como estratégias para preservação dos interesses dominantes — o dever-ser. Reflete sobre a inserção da educação física dentro do contexto educacional e sua relação com os mecanismos do poder. Mas, sobretudo, propõe uma reflexão sobre a importância das interações, das trocas e dos aprendizados, comprometida com uma visão holística do corpo, como atitudes de mudança para a formação de um novo homem — o devir.

Discorre sobre o jogo e a prática teatrais, que em conjunto com uma educação (física) corporal, podem configurar uma possibilidade para esta re-humanização.

Abstract

This essay describes several aspects that impede and others that contribute to the conquest of a new conscience and understanding of the body. Aims the vision dualist, the immutability of values and conducts, the alienation and the corporal domestication as strategies to preservation of the dominant interests - the duty-being. Reflects about the insert of the physical education inside of the educational and social context and its relationship with the mechanisms of the media and of the power. But, above all, it proposes a reflection about the importance of the interactions, of the changes and of the continuous apprenticeship, involved with an holistic vision of the body, as change attitudes for the new man's formation - the come to. In that sense, display about the game and the theatrical practice, that together with an education (physics) corporal, they can configure a concrete possibility for this re-humanization.

se trago as mãos distantes do meu peito
é porque há distância entre intenção e gesto
Ruy Guerra

As diversas compreensões do corpo, ao longo da história, não são necessariamente contraditórias mas percebe-se em comum as suas incompletudes. Por mais avançadas que estejam as ciências, a filosofia, as culturas, nós ocidentais carregamos ainda o estigma do homem divido em dois e a partir daí, quase como a expressão de uma herança genética bizarra, introjetada a idéia de alma e corpo ou de espírito e carne ou de mente e matéria ou, ainda, de razão e emoção. E todas estas compreensões, de meu ponto de vista, equivocadas, entendem o corpo como um apêndice do ser humano, sem o qual, se pudéssemos abrir mão, atingiríamos a perfeição anímica, espiritual, intelectível ou racional.

A concepção teológica judaico-cristã, predominante entre nós e algo inspirada em Platão[1], por exemplo, crê em um corpo como recipiente das contaminações do mal, que tem no desejo e na dúvida sua maior culpa, e propõe um corpo controlado e rigidamente disciplinado para maior liberdade do espírito. Entende que somente com o esquecimento ou a morte do corpo o espírito ou a alma se liberta e atinge a salvação.

A máxima de que o homem é eminentemente um ser racional, como muitos de nós aprendemos no colégio, pode determinar que, mesmo assim, muitos seres racionais jamais se construam como homens-seres humanos e o axioma, de diferentes formas e nuances, se manifesta em todas as culturas ocidentais: educa-se a razão e, por conta disso, é o discurso racional o único tolerado e aceito como verdade. Neste sentido, ao contrário do que poderíamos pensar, as performances corporais estarão sempre a serviço das causas nobres da razão.

Os esforços no sentido de romper a visão dualista que sacramenta a superioridade e reforça a vigência dos valores espirituais ou racionais parecem pouco lograr, ao corpo só resta prestar serviço e sua consideração depende dos capri-

chos da razão ou do espírito.

Esta visão dualista, hegemônica, traz sobre os ombros a idéia de que somos seres formados de duas partes hierarquizadas, separáveis e autônomas. Ora, esta idéia escora-se em uma compreensão reducionista do homem e, sobretudo, é reveladora do homem que se deseja construir ou, quem sabe, tão somente reproduzir. Parece-me que o que colhemos daí é um homem como resultado da subtração de si mesmo, de uma metade de um, como se pudéssemos, concretamente, seccioná-lo em duas partes, corpo e razão, mantendo-as vivas e em plenitude.

Suponho que as coisas assim são porque é mais cômodo investir nesta visão dualista que posta já está do que duvidá-la e confrontá-la, como se dá nas diversas instâncias de nossas aprendizagens, queiramos ou não. O fato de historicamente relegarmos o corpo a um segundo plano, quando não o negamos, torna difícil seu resgate, especialmente porque precisaremos mexer com conceitos, verdades monolíticas, domesticidades, dogmas e tabus mas, mais do que isso, porque teremos à mão o bilhete para uma viagem reflexiva profunda sobre nós mesmos, abrindo prováveis e novos canais de escuta, sensibilidade e ressonância, e da qual jamais sairemos ilesos e da mesma forma.

"Até nossos carinhos, incrivelmente, estão sujeitos às formalidades, beijam-se mãe e filho pela simples razão de que mãe e filho devem beijar-se."

Mudar significa, entre outras coisas, o reconhecimento de imperfeições, de incompletudes, de equívocos e, sobremaneira, requer a coragem de admitir e digerir perdas e a coragem de embrenhar-se em novas aprendizagens levantando novas hipóteses.

E mudar não é fácil. Para se compreender melhor a dificuldade que temos em conjugar o verbo mudar nos espaços de nossas praxes, recorro à reflexão de Silvino Santin:

> "O mudar não é um fenômeno simples. O acontecer das mudanças não é um processo único e homogêneo. Segundo a teorização grega, o fenômeno das mudanças se operacionaliza pela passagem da potência ao ato de qualquer realidade. (...) A teoria grega do Ato e Potência, no contexto do pensamento filosófico medieval, além de ser aceita como a explicação mais correta dos fenômenos de mudança, adquire um sentido de imperfeição, de falta de plenitude. A plenitude de um ser consistia em estar em ato. A plenitude do ato significava estar plenamente realizado. Deus é visto como a plenitude do ser, portanto foi definido como Ato Puro, onde se exclui necessariamente a potência. Sob esta ótica o medieval sempre privilegiou a linha contínua e homogênea. Mudar era sempre o reconhecimento de uma carência. Quem não precisasse mudar mostrava que era perfeito. Mudar linhas de conduta, ou linhas de pensamento era, em última instância, admitir o erro."[2]

Como professores, por exemplo, nas relações de sala de aula, quantas vezes consideramos nossas condutas e nossos saberes como verdades inquestionáveis? Mas este exemplo torna-se quase inexpressivo se ampliamos o leque para a diversidade das relações familiares, sociais e políticas e para os valores morais, éticos e religiosos que nutrem e asseguram nossa estabilidade. É mais tranquilizador mantermo-nos afirmativos do que abertos a novos aprendizados. E observe que aquilo que lemos como harmonia pode ser apenas um reflexo do medo à coação do que posto está e é, algo imutável, como o Deus perfeito.

Penso que o reconhecimento da imperfeição e da ignorância é a mola propulsora da dinâmica da sensibilidade, da inteligência e dos saberes, pois quem considera-se perfeito, estável como um monolito, tende à acomodação, à inação, à morte. Sara Pain, em conferência proferida em Buenos Aires, em 1988, disse o seguinte:

> "Quando alguém se questiona 'o que se pode fazer com a própria ignorância', essa ignorância já se reconhece ignorante e uma ignorância que se reconhece como tal já está a caminho do conhecimento"[3].

A relação entre a visão dualista do homem e a idéia da imutabilidade, que em outras palavras pode ser entendida como a negação de ignorâncias, desvenda a dificuldade que temos em refletir sobre esta própria visão e reconhecer, por conseqüência, que nossa capacidade de mudança limita-se normalmente àquilo que não interfere nas verdades herdadas e apreendidas, nos padrões de comportamento, nas praxes contínuas e homogêneas. Lembramos do corpo quando damos com o mindinho na quina e aí dói. Até nossos carinhos, incrivelmente, estão sujeitos às formalidades, beijam-se mãe e filho pela simples razão de que mãe e filho devem beijar-se.

Identificar ignorâncias na visão dualista vigente e reconhecer-se ignorante do corpo que somos, nossa morada primordial, já nos torna verbo e, portanto, em mudança infinda a caminho do conhecimento também infindo. É como nos lançarmos a desmontar estruturas e conceitos que aprendemos a acreditar como eternos e imutáveis.

O homem é seu próprio corpo. É preciso um bocado de coragem para assumir a idéia de ser corpo, de viver o corpo, de sentir-se corpo, admite Santin. Essa nova compreensão do corpo se opõe à dualista, que abriga o seu uso como simples meio de trabalho e produção, e propõe, como Merleau-Ponty – citado por Santin -, que a "corporeidade deve estar

incluída na compreensão da consciência e do eu. O eu ou a consciência são corporeidade". Assim dito, parece, ao mesmo tempo, uma tomada de consciência muito simples e inalcansável. Aparentemente simples porque vivemos uma "febre" de cuidados com o corpo, a qual não é necessariamente ruim, presente nas academias de ginástica, nos regimes alimentares, nos cuidados com a aparência, como resposta a uma exigência do mercado, do status, da mídia, dos cânones de beleza e saúde e que pode ser, também, uma alternativa àqueles que buscam, honestamente, um reencontro consigo. Aparentemente inalcansável porque a "febre" pode ser confundida com a compreensão de corpo - corporeidade - da qual estou falando mas esta, ao contrário, implica um esforço e uma reflexão muito mais profunda e radical do que a "malhação" nas academias e, como princípio, não se sustenta das leis de mercado, da mídia e dos cânones vigentes.

A corporeidade envolve uma mudança de percepção do "eu" e do mundo, uma ruptura de tudo aquilo que entendemos como normal e imutável, que está e é como um dever-ser. A corporeidade é ser humano que é eu-corpo, é eu-devir que se constrói em permanentes trocas e aprendizados com o outro, ampliando os graus de sensibilidade, de ressonância e de compreensão.

Esta compreensão ainda esbarra na tradição domesticadora de nosso olhar, e trago para a reflexão a educação física como a disciplina que trata do corpo dentro dos currículos escolares. Em primeiro lugar, como Santin aponta[4], se existe uma "educação física" é porque existe outra que não é "física", ou se aquela é "física" é porque é tão somente voltada aos aspectos "físicos ou do organismo". Então, coexistem dois tipos de educação *a priori*: a física e a que não é física, e que podemos denominar de "educação racional" que não contempla o "físico ou o corpo". Aqui temos, presente institucionalmente no currículo da formação de crianças, jovens e adultos, a visão dualista do homem. Esta coexistência também não é equilibrada: a "educação física" é a disciplina que contempla, estatutariamente, a dispensa, o que remete à sua pouca importância nos processos de ensino e educação formais, ou seja, reforça a idéia de um corpo subestimado e resignado à razão.

Paradoxalmente, atendendo a esta resignação, a educação física acabou por reduzir-se a aspectos físico-práticos que têm no rendimento, na destreza, na especialização, nas performances e automatismos a expressão de uma postura pobre da racionalidade humana[5]. E mais do que isso, obedecendo às teorias de desenvolvimento (bio)evolucionistas que prescrevem e determinam as etapas pelas quais todas as crianças obrigatoriamente devem passar e, pior, aonde devem chegar, a educação física – como outras disciplinas e procedimentos educacionais -, por um lado, virou as costas às heterogeneidades e diferenças diversas, investindo em um modelo normatizador do dever-ser: as crianças serão consideradas "boas" se corresponderem ao ideal de dever-ser; serão "ruins" se sua trajetória for desviante, estranha à previsibilidade, encarnada na possibilidade de "tornar-se nos encontros e acasos do devir"[6]. Por outro lado, a história recente tem significativos exemplos de como a formação física serviu aos mais diversos interesses do mercado e do poder: a ginástica, por exemplo, sob um enfoque disciplinador e militar, foi utilizada na Alemanha para construir uma unidade nacional capaz de fazer frente a Napoleão[7]. Idêntico procedimento repetiu-se nas duas grandes guerras.

Como é no corpo que vão ser inscritos os limites sociais e psicológicos e os esquemas de conduta e de valor, a educação física, ainda hoje, é levada a investir em uma idéia de rendimento físico a partir destes mesmos pressupostos e valores. Veja-se na separação entre sexos, nas filas obrigatórias, as raízes militares presentes nos códigos disciplinares. Todas as instâncias buscam obter indivíduos servis, domesticados e assépticos.[8]

Somando-se à visão dualista empobrecedora, o ensino das artes ou a educação artística também é considerada um acessório na formação humana cuja finalidade, ainda colhida no senso comum e não muito diferente da outorgada à educação física, é de um passatempo e de alívio das tensões resultantes das "disciplinas racionais" e fundamentais presentes no currículo.

Ainda que possa parecer uma contradição o fato da educação física hora ser usada como instrumento de domesticação e disciplinamento corporal e moral e, ao mesmo tempo, ser um procedimento de educação cuja dispensa é prevista, por exemplo, o princípio que rege esses dois aspectos é o mesmo: reificar valores e condutas fortalecendo a concepção dualista que eleva a razão e tem o corpo sujeitado às necessidades de trabalho e produção – o dever-ser; e impedir a tomada de uma consciência corporal capaz de duvidar e de romper estes mesmos valores e condutas – o devir.

Por enquanto, tenho tratado o corpo e o denominado hora corpo ou organismo, hora físico ou matéria. Para dar seguimento a esta reflexão trago algumas referências, a meu ver, da maior importância. Verdade é que, parte das vezes, ainda que mude a denominação, está a se falar e pensar sobre o mesmo. Sartre[9], mencionado por Santin, referia-se à carne como a unidade viva que somos nós e como "conceito que abrange todas as dimensões do ser humano", menos no sentido do objeto ou coisa e mais no sentido do dinamismo que se "constitui constantemente e está sempre em movimento". Este caráter dinâmico , nunca estático, é um dos aspectos

essenciais apontados por Vigotsky quando refere-se ao desenvolvimento humano [10].

O conceito carne, de Sartre, aproxima-se do entendimento do corpo como homem que é corpo, um eu-corpo, um eu-devir e que só se vai constituindo nas trocas permanentes com o outro, nos encontros e acasos.

Sara Pain identifica uma diferença entre organismo e corpo, ou mais apropriadamente, percebe o organismo como "pertencente" ao corpo e a diferença proposta não tem, como poderia se pensar, a função de estabelecer uma secção ou hierarquia de valoração e importância. Corpo e organismo estão articulados, são interdependentes e ao organismo cabem as funções de manutenção, de regulação e de sobrevivência. Segundo Sara, o organismo também tem a função de automatizar determinadas aprendizagens, ou seja, "quando uma aprendizagem está suficientemente exercitada, manipulada, em nível corporal, quando alcançou um ótimo e econômico nível de coordenação, passa a ser automatizada, isto é, fica escrita e inscrita no organismo". Um exemplo que ilustra a passagem para a automatização é o de caminhar: a criança pequena leva um determinado tempo no processo desse aprender, processo que envolve coordenação motora, equilíbrio, noção espacial, de peso etc. Quando ocorre o domínio da caminhada, ela automatiza e o caminhar é inscrito no organismo de tal maneira que, com o amadurecimento, não será mais preciso pensar em como se caminha.

Posso inferir que o desenvolvimento biológico dos seres humanos, ou seja, o desenvolvimento da estrutura orgânica formada pelas vísceras, nervos, músculos, vasos e ossos, por exemplo, e também dos sentidos como visão, audição, tato, olfato e das diversas coordenações básicas motoras, está relacionado com a qualidade e intensidade das aprendizagens. Numa hipótese de isolarmos completamente um bebê humano das interações sociais, mas sob alimentação suficiente e equilibrada, o desenvolvimento biológico de todas as suas funções orgânicas ficará comprometido pela ausência de trocas e aprendizagens que só se dão com as interações. Compreende-se daí que só passamos a nos reconhecer e a desenvolver nossas capacidades na presença ativa do outro, pois é desvelando a corporeidade do outro que reconheço a minha. Conforme Negrine, "o esquema corporal se estrutura a partir da experimentação, do vivenciado, do contato com os objetos, com os outros".

No início de cada processo, em seu decorrer e em cada final – porque cada final é um novo início, a preparação de um novo nascimento – acontece esse aprender que passa, necessariamente, pelo corpo[11]. Essa abordagem confere às trocas e articulações entre desenvolvimento e aprendizagem a formação do ser humano em toda a sua complexidade: didaticamente, é como dizer que cada aprendizagem estimula um desenvolvimento que abre portas para outras aprendizagens em um sistema dinâmico e infindo. Essa compreensão do corpo como unidade, como algo total, no qual as partes são interdependentes e articuladas, torna o corpo uma unidade rica e complexa que reúne, ao mesmo tempo, a criatura e o criador. Em outras palavras, não há como compreender o corpo como um artefato cujas funções podem ocorrer isoladas uma da outra. Ao contrário, corpo e alma, carne e espírito, matéria e razão ou mesmo cognição e afeto são qualidades de uma mesma realidade que não se manifestam uma sem a outra[12].

Para o teatro o corpo é o "instrumento" primordial e insubstituível, isto é, o teatro não existe como acontecimento sem esse corpo presente e total. É ele que pode, através de sua capacidade sensorioperceptiva, recolher impressões do mundo interno e externo e traduzi-las, de forma singular, por meio da linguagem corporal[13]. O corpo para o teatro não se reduz a sua fisiologia, a sua morfologia, mas é, fundamentalmente, a matriz geradora e o veículo das múltiplas leituras do mundo e da capacidade de expressá-las: um corpo criativo. E é através deste que o ator poderá expressar signos, emoções, sentimentos e sensações. Em todo o ato criativo de um corpo expressivo ocorre uma movimentação dos sentimentos e das intuições que virão a ser "simbolizadas, transformadas em formas que se oferecerão à razão e ao pensamento"[14].

"Compreende-se daí que só passamos a nos reconhecer e a desenvolver nossas capacidades na presença ativa do outro, pois é desvelando a corporeidade do outro que reconheço a minha."

As sensações, as emoções, a razão, no corpo, são como zonas sem fronteira e com trânsito livre e fluxo constante[15]. Quando hipertrofiamos a razão, por exemplo, eclipsamos outros canais de percepções e leituras do mundo e bloqueamos as vias de expressão das emoções e dos sentimentos. No teatro é preciso que o corpo esteja harmonizado e equilibrado pois o corpo não mente, ele traduz e aponta suas obstruções e a qualidade das relações que mantém consigo e com o outro. Lapierre e Auconturier, nesse sentido, contribuem afirmando que "o corpo é o veículo de nossa presença no mundo, o local da atividade, da emoção e do desejo"[16].

A partir destas reflexões, aproximo o corpo de uma compreensão holística que parece-me a mais instigante e coerente sob o ponto de vista do discurso de re-humanização e re-

harmonização que estou propondo, um corpo presente e desarmado para novos aprendizados e trocas. É esta consciência do corpo que é capaz de levar a pessoa ao reconhecimento das limitações e capacidades redimensionando os graus de tolerância, compreensão do outro a partir, necessariamente, da intensidade das interações. É o outro que leva-me ao conhecimento de minha corporeidade.

Esta visão holística também está presente no pensamento de Vigotsky quando se refere à compreensão de consciência como fruto das inter-relações dinâmicas e essenciais do afeto e do intelecto. Não há como separar pensamento de afeto e vice-versa, ambos são aspectos de uma unidade cuja característica é a interfuncionalidade. Marta Kohl assim escreve sobre o pensamento de Vigotsky:

> "Há dois pressupostos complementares e de natureza geral em sua teoria que delineiam uma posição básica a respeito do lugar do afetivo no ser humano. Primeiramente, uma perspectiva declaradamente monista, que se opõe a qualquer cisão das dimensões humanas como corpo/alma, mente/alma, material/não-material e até, mais especificamente, pensamento/linguagem. Em segundo lugar, uma abordagem holística, sistêmica, que se opõe ao atomismo, ao estudo dos elementos isolados do todo, propondo a busca de unidades de análise que mantenham as propriedades da totalidade. Tanto o monismo como a abordagem globalizante buscam a pessoa como um todo e, portanto, por definição, não separam afetivo e cognitivo como dimensões isoláveis."[17]

É a compreensão holística, parece-me, que dá suporte à convicção de que todos os seres humanos podem aprender, independente da idade, da "pré-história" pessoal e das condições sociais e econômicas. É este corpo, visto como uma rede de funções e aspectos enraizada exatamente nas trocas e interdependências entre estas mesmas funções e aspectos, que possibilita a sindrômicos, cegos, mudos, surdos, mutilados e velhos, por exemplo, a conquista, a seu modo, das adaptações e dos aprendizados constantes.

Um corpo quando dividido arbitrariamente em hierarquias, sujeitado pela visão dualista, revela-se pela metade, movimenta-se subtraído e não adquire consciência de si nem do outro, e sua aparente adaptação é resultado das coações e pressões socioeconômicas e culturais que remetem à sobrevivência, à domesticação e à alienação de si.

Nesta direção, o corpo sempre é construído a partir do interesse particular de quem o constrói, isto é, o corpo sempre estará reduzido a uma determinada finalidade ou a uma de suas propriedades. Uma visão puramente mecânica faz do corpo uma máquina de produção e trabalho buscando o maior rendimento; para a psiquiatria e a medicina o corpo pode ser simplesmente um emissor involuntário de sintomas ou de sinais; para determinadas crenças e religiões o corpo é um obstáculo à ascese; a forma e aparência física é o perfil de corpo exigido pelo mercado da moda e da conduta sociais; o corpo é como um veículo de transporte que leva da casa ao serviço, e vice-versa, para os sedentários.

Nas classes populares, a questão corporal não está na pauta das reflexões e praxes cotidianas, o corpo é apenas um instrumento utilitário que deve ser usado até o seu esgotamento. A ausência de reflexões profundas sobre corporeidade é justificada pela emergência das necessidades de sobrevivência e, de outro lado, o tempo para uma percepção mais aguda é considerado um privilégio de "quem não trabalha ou trabalha pouco". Até mesmo as tradições alimentares, que requerem alimentos pesados e ricos em energia, obedecem menos ao prazer e à degustação e mais à necessidade do fortalecimento e manutenção deste corpo utilitário.

Esse fenômeno está associado a um determinismo imposto culturalmente que impede que as classes populares possam ver-se em outra situação[18]. Em muitos a idéia do sofrimento terreno através do trabalho e da flagelação da carne ainda está internalizada e consiste no único caminho para alcançar o descanso em um hipotético "outro mundo", a "vida eterna" ou a "glória de Deus". Dá para perceber que os comportamentos e condutas não se dão ao acaso, mas estão sempre submetidos a interesses dominantes nem sempre visíveis.

A prática das classes populares obedece a um conceito de homem ou, melhor dizendo, de relação entre os homens. O individualismo, como expressão eloqüente do capitalismo, observa o corpo como um objeto mecânico, rompendo a percepção de outras escutas e dividindo o corpo em peças como as que constituem uma máquina.

A hipótese das classes populares conquistarem o tempo para a atenção e percepção corporais e assim melhor compreender, escutar e perceber o corpo esbarra nas pseudopercepções vindas à consciência sob forma de "regras de moral" cuja finalidade é regular o comportamento e impedir, assim, a "relação reflexiva e consciente com o corpo, porque a instauração de tal relação não poderia ter outro efeito senão o de diminuir a resistência que são capazes de opor ao corpo, e portanto reduzir em qualidade e quantidade o trabalho que este fornece"[19]. Daí que as diversas questões do discurso corporal estereotipado das classes superiores, através da mídia, como os cuidados com a saúde e com a alimentação, a prática regular de atividades físicas, a vida regrada, as horas de sono e lazer, para as classes populares não fazem nenhum sentido.

A percepção corporal das classes superiores, por outro lado, aparentemente oposta à imposta às classes populares, é decorrente, via de regra, também das exigências de mercado:

o cuidado com a aparência, com a forma física, com o vestuário responde aos cânones de beleza, aos olhos vigilantes da vizinhança e se regra por uma postura individualista. Esta percepção corporal pífia está longe de constituir-se como consciência corporal.

Parece-me, portanto, que a compreensão de corpo e como cada um de nós vê e se relaciona com o próprio corpo refletem substanciais heranças socioculturais onde o preconceito, o medo, a alienação, entre outras cargas negativas, estão fixadas e tomaram validade.

A reflexão profunda indica a urgência da ruptura destes esquemas, quer como cidadãos comuns, mas principalmente como agentes da educação, sob pena de se manter o fluxo contínuo da simples reprodução, com alguns requintes de modernidade, dos valores e das condutas que os sustentam e nutrem.

A coragem para duvidar, questionar, romper e desconstruir o já sabido e aceito como verdade imutável vem ao encontro da atitude firme e generosa que deve-se tomar nas ações pedagógicas e pensamentos e, sobretudo, permitindo-se ser alvo desta mudança[20]. Que homem se quer formar? Que compreensão de humanidade seduz? Quem e o que sou eu? Uma pergunta levará a outra e esta a outras tantas, mais instigantes e agudas.

A educação (física) corporal – uso esta denominação numa perspectiva holística – e o teatro podem estabelecer laços comuns de ação e reflexão que levem à construção de um corpo re-humanizado e total. O teatro, como uma manifestação essencial da humanidade desde o início de sua existência e embrionariamente coletivo, pois não existe sem o outro, permite, através de uma prática continuada, que múltiplas trocas e aprendizados se realizem.

Diverso do espetáculo, o teatro nos processos de educação, como jogo e prática, implica a participação de todos na tematização, no levantamento de problemas, nas reflexões. Todos são atuantes, alternando-se como atores e platéia, e interagem constantemente. É nesse meio que surgem os aprendizados, a criação de imagens e associações que são experimentadas corporalmente. Através do jogo teatral se desvenda as contradições, as regras de comportamento, percebe-se as diferenças. É também o jogo teatral um caminho que permite lançar os por quês a respeito de condutas e valores – que desconstrói o dever-ser -, e construir alternativas de "como poderia ser" - que nos remete ao devir. Um fenômeno que não se dá unilateralmente, mas em redes de ação e retroação, na qual somos agentes e objetos de mudança[21]. A cooperação e a solidariedade passam a ser a essência das atitudes, não mais a coação e a violência dissimulada.

Os exercícios e as práticas do jogo teatral procuram ajudar àquele que dele participa a melhor conhecer e reconhecer o seu corpo, a investir na reestruturação e re-humanização de si.

Algumas das reflexões atuais da educação (física) corporal em relação à sua inserção nos processos educacionais vão ao encontro das disposições em romper as tradições conservadoras, estabelecidas, estáveis e excludentes.

É nessa direção, que implica um jogo interminável de agenciamentos, encontros, experiências e trocas em processos que não cessam, únicos e diferenciados de sujeito a sujeito, que esta nova visão de corpo poderá ser, continuamente, construída, em uma aprendizagem para ouvir e pensar o corpo como a expressão do "eu", como fonte de prazer, como potência, como um eu-devir.

"A cooperação e a solidariedade passam a ser a essência das atitudes, não mais a coação e a violência dissimulada."

Não sendo assim, o discurso docilizante e monocórdico, que consome nossa coragem e cega nossa visão de educadores, nos retém afirmativos em convicções de pedra, impenetráveis, insensíveis e inférteis, como um olho que olha e não vê, como um corpo que toca e não sente, como uma reprise incapaz do novo e do prazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Forense Universitária, 9ª ed., RJ, 1999.

BACHELARD, Gaston. *A Psicanálise do Fogo*. Martins Fontes. SP, 1999.

BERTHERAT, Thérèse. *O Corpo Tem suas Razões*. Martins Fontes. 1ª ed., SP, 1977.

BOAL, Augusto. *Jogos Para Atores e Não-Atores*. Civilização Brasileira. RJ, 1998

___. *O Arco-Íris do Desejo – Método Boal de Teatro e Terapia*. Civilização Brasileira. RJ, 1996.

BOLTANSKI, Luc. *As Classes Sociais e o Corpo*. 3ª ed. Graal. RJ, 1989.

JÚNIOR, Francisco Duarte. *Por que Arte-Educação?* Papirus. Campinas, 1983.

KOUDELA, Ingrid Dormien. *Jogos Teatrais*. Perspectiva. SP, 1992.

___. *Texto e Jogo: uma didática brechtiana*. Perspectiva. SP, 1999.

LABAN, Rudolf. *Domínio do Movimento*. Summus. SP, 1978

MAY, Rollo. *A Coragem de Criar*. Nova Fronteira. RJ, 1975

NEGRINE, Airton. *Terapias Corporais – A Formação Pessoal do Adulto*. Edita. Porto Alegre, 1998.

OLIVEIRA, Marta Kohl. *Piaget, Vigostky, Wallon – Teorias Psicogenéticas em Discussão*. Summus. 13ª ed. SP, 1992.

PAIN, Sara. *Organismo, Corpo, Inteligência e Desejo*. Conferência proferida em Buenos Aires, 1988. Transcrita pelo Geempa. Publicação Independente, 2000.

SANTIN, Silvino. A Filosofia do Corpo. *Anais* - II Simpósio Paulista - Educação Física/Volume II - Unesp - Rio Claro, 1989

___. *Educação Física - uma abordagem filosófica da corporeidade*. Unijuí, 1987.

SILVA, Ana Márcia. Corpo e Educação. *Cadernos Cedes*. Ano XIX, nº 48, 1ª ed., Unicamp. Agosto, 1999

VARGAS, Angelo (coord); ROCHA, Mônica e outros. *Reflexões Sobre o Corpo*. Sprint. Rio de Janeiro, 1998

NOTAS

[1]"Em Platão o corpo é vilão da estrutura ontológica do homem. O que vale no homem é a alma, pois, segundo Platão, o homem é mau por certa predisposição ao mau que existe no corpo" (...) "O pensamento platônico ficou fortalecido pela moralidade do pensamento judaico-cristão. Os latinos proclamavam o corpo sadio como garantia da sanidade da mente. Os cristãos exigiam um corpo disciplinado e mortificado para garantir as virtudes e preservar a espiritualidade da alma. Assim o corpo é um símbolo de decadência e uma fonte de vícios e de males. O corpo do homem tornou-se uma ameaça para o homem." (Santin, Silvino. A Filosofia do Corpo, (p.69) Anais - II Simpósio Paulista - Educação Física/Volume II - Unesp - Rio Claro, 1989).

[2]Santin, Silvino. Educação Física - uma abordagem filosófica da corporeidade. (p.68). Unijuí, 1987.

[3]Pain, Sara. Organismo, Corpo, Inteligência e Desejo. Conferência proferida em Buenos Aires, 1988. Transcrita pelo Geempa. Publicação Independente, 2000.

[4]"A nomenclatura Educação Física lembra, necessariamente, uma preocupação de distinção. Deverá haver, portanto, no mínimo, uma educação que não é física ou uma dimensão do homem que ela não alcança e mesmo exclui. De fato, o vocabulário pedagógico mostra que se tem, entre outras, a educação moral, intelectual, artística. Ter-se-ia assim duas educações ou, talvez, melhor expresso, dois níveis de educação, assim instituídos: educação que desenvolve os valores da mente e a educação que visa desenvolver o físico do homem" (Santin, Silvino. Educação Física - uma abordagem filosófica da corporeidade (p. 23). Unijuí, 1987).

[5]Aqui vale esclarecer que refiro-me à educação física como um procedimento da formação humana ao alcance de todos, e não como em casos específicos da preparação de atletas e competidores das diversas modalidades esportivas.

[6]Vargas, Angelo (coord); Rocha, Mônica e outros. Reflexões Sobre o Corpo. Sprint. Rio de Janeiro, 1998.

[7]"Instrumentos como a cronofotografia vão, também, ser utilizados por cientistas como Georges Demeny na proposição de métodos ginásticos 'racionais', pela decomposição dos movimentos e pelo trabalho regrado com base na eficácia em relação aos objetivos propostos: o movimento corporal passa a ser o fundamento central. A Alemanha é um importante exemplo desse processo de aliança entre a educação e a política que vai se organizar em torno de uma expectativa de corpo. Do final do século XVIII até a metade do século seguinte, o método ginástico proposto por Jahn e por seus sucessores utiliza a ginástica como fator primordial na construção de uma unidade nacional e na emancipação de outros centros europeus, especialmente nas defesas contra Napoleão, procedimento esse que se repetirá até a Primeira Guerra Mundial" (Silva, Ana Márcia. Corpo e Educação. (p. 23) Cadernos Cedes. Ano XIX, nº 48, 1ª ed., Unicamp. Agosto, 1999).

[8]"(...) a perspectiva é a da verticalidade. A necessidade do corpo reto e rígido é perfeitamente incorporada pelos objetivos da ginástica, com base nos preceitos da ciência positiva que se expande no século XIX" (Silva, Ana Márcia. Corpo e Educação. (p. 24) Cadernos Cedes. Ano XIX, nº 48, 1ª ed., Unicamp. Agosto, 1999).

[9]"Para ele (Sartre) carne e vida andam juntas e são quase sinônimas. Carne parece ser a síntese do físico ou orgânico com o vivificado. Insiste em dizer que é preciso perceber cada órgão singular a partir da totalidade da carne ou da vida" (Santin, Silvino. A Filosofia do Corpo, (p.77) Anais - II Simpósio Paulista - Educação Física/Volume II - Unesp - Rio Claro, 1989).

[10]Negrine, Airton. Terapias Corporais – A Formação Pessoal do Adulto (p.13) Edita. Porto Alegre, 1998.

[11]"Nenhuma aprendizagem deixa de passar pelo corpo e também pela constituição de esquema. Qualquer que seja a qualidade da aprendizagem, o corpo é um parte dela. É no corpo que ecoa, que repercute o afeto. Todo o tipo de ação possui uma qualidade afetiva própria, que ocorre no corpo, porque este é o único capaz de gerar afetos. Não há afetos sem corpo e não há corpo sem afetos" (Pain, Sara. Organismo, Corpo, Inteligência e Desejo, (p.7). Conferência proferida em Buenos Aires, 1988. Transcrita pelo Geempa. Publicação Independente, 2000).

[12]"As dimensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico têm sido tratadas, ao longo da história da psicologia como ciência, de forma separada, correspondendo a diferentes tradições dentro dessa disciplina. Atualmente, no entanto, percebe-se uma tendência de reunião desses dois aspectos, numa tentativa de recomposição do ser psicológico completo. Essa tendência parece assentar-se em uma necessidade teórica de superação de uma divisão artificial, a qual acaba fundamentando uma compreensão fragmentada do funcionamento psicológico. As situações concretas da atividade humana, objeto de interesse de áreas aplicadas como a educação, por exemplo, também pedem uma abordagem mais orgânica do ser humano: as lacunas explicativas tornam-se óbvias quando enfrentamos indivíduos e grupos em situações reais de desempenho no mundo" (Oliveira, Marta Kohl. Piaget, Vigostky, Wallon – Teorias Psicogenéticas em Discussão. (p.75) Summus. 13ª ed. 1992, SP). Citado por Negrine, Rolando Toro afirma que "(...) É urgente unificar o indivíduo, entender que seu corpo é a expressão de toda a sua existência, que o corpo e a alma são dois aspectos de uma mesma realidade" (Negrine, Airton. Terapias Corporais – A Formação Pessoal do Adulto (p.46) Edita. Porto Alegre, 1998).

[13]"...pois o corpo é o instrumento através do qual o homem se comunica e se expressa" (Laban, Rudolf. Domínio do Movimento. Summus. SP, 1978). "O trabalho de Stanislavski sobre as ações físicas vão também nesse sentido; idéias, emoções e sensações estão indissoluvelmente entrelaçadas. Um movimento corporal é um pensamento. Um pensamento também se exprime corporalmente" (Boal, Augusto. Jogos Para Atores e Não-Atores. Civilização Brasileira. RJ, 1998).

[14]Júnior, Francisco Duarte. Por que Arte-Educação? Papirus. Campinas, 1983.

[15]Boal, Aungusto. O Arco-Íris do Desejo – Método Boal de Teatro e Terapia. Civilização Brasileira. RJ, 1996.

[16]Vargas, Angelo (coord); Barros, Darcymires do Rêgo e outros. Reflexões Sobre o Corpo. Sprint. Rio de Janeiro, 1998.

[17]Oliveira, Marta Kohl. Piaget, Vigostky, Wallon – Teorias Psicogenéticas em Discussão. Summus. 13ª ed., SP, 1992.

[18]Sobre os trabalhadores na Grécia de Aristóteles, assim escreve A. Arendt: "Mantidos fora da vista eram os trabalhadores que, 'com seu corpo, cuidavam das necessidades (físicas) da vida' *(Aristóteles, Política 1254b25)*, e as mulheres que, com seu corpo, garantiam a sobrevivência física da espécie. Mulheres e escravos pertenciam à mesma categoria e eram mantidos fora das vistas alheias - não somente porque eram a propriedade de outrem, mas porque sua vida era laboriosa, dedicada a funções corporais" (Arendt, Hannah. A Condição Humana. Forense Universitária, 9ª ed., RJ, 1999).

[19]Boltanski, Luc. As Classes Sociais e o Corpo. 3ª ed. Graal. RJ,

[20]"Essas convicções são luzes parasitas que turvam as legítimas claridades que o espírito deve acumular num esforço discursivo. É preciso que cada um se empenhe em destruir em si mesmo tais convicções não discutidas. É preciso que cada um aprenda a escapar da rigidez dos hábitos do espírito formados ao contato das experiências familiares. É preciso que cada um destrua, mais cuidadosamente ainda que suas fobias, suas 'filias', suas complacências com as instituições primeiras" (Bachelard, Gaston. A Psicanálise do Fogo. Martins Fontes. SP, 1999).

[21]Koudela, Ingrid Dormien. Texto e Jogo: uma didática brechtiana. Perspectiva. São Paulo, 1999.

UNITERMOS

Dualismo; holismo; dever-ser; devir; corporeidade; educação física; teatro; aprendizagem; troca; re-humanização.

***Paulo Gaiger** é ator, diretor teatral e professor. Mestrando em Ciências do Movimento Humano na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – ESEF/UFRGS.*